

Gulbenkian Descobrir.



Biodiversidade
no Jardim,
a fauna e a flora
IV. Camuflagem

Biodiversidade no Jardim, a fauna e a flora

IV. Camuflagem

**Conceção: Vanda Vilela / Associação Traços na Paisagem
Com o apoio da Direção-Geral da Educação**

Esta proposta está inserida no recurso educativo «Biodiversidade no Jardim, a fauna e a flora», que se baseia numa atividade presencial com o mesmo título, disponível para escolas na programação do Serviço Educativo do Jardim Gulbenkian.

Nível de escolaridade (recomendado)

1º ciclo

Público-alvo

Crianças entre os 6 e os 10 anos a frequentar o 1º ciclo

NOTA: As atividades devem ser orientadas por um professor ou adulto responsável e podem ser adaptadas de acordo com os diferentes níveis de ensino e as faixas etárias das crianças.

Como começar

O objetivo destas propostas é incentivar as crianças a manter um contacto mais direto e regular com a natureza. Como tal, pressupõem a deslocação do grupo a um espaço exterior—um parque ou jardim—que o professor deverá selecionar previamente. É importante reunir as crianças e conversar com elas, explicar-lhes onde e por onde vão, quanto tempo irá durar a atividade, desvendar algumas coisas... e fazer das outras uma surpresa!

Uma vez no exterior, há que explicar e delimitar o espaço da atividade, e dar tempo às crianças para que elas se habituem ao local, sugerindo-lhes que o observem e explorem, ou que realizem um pequeno exercício ou jogo. Ainda no exterior, é essencial reservar um tempo para a partilha, incentivando conversas, reflexões, segredos, memórias, experiências.

DICA

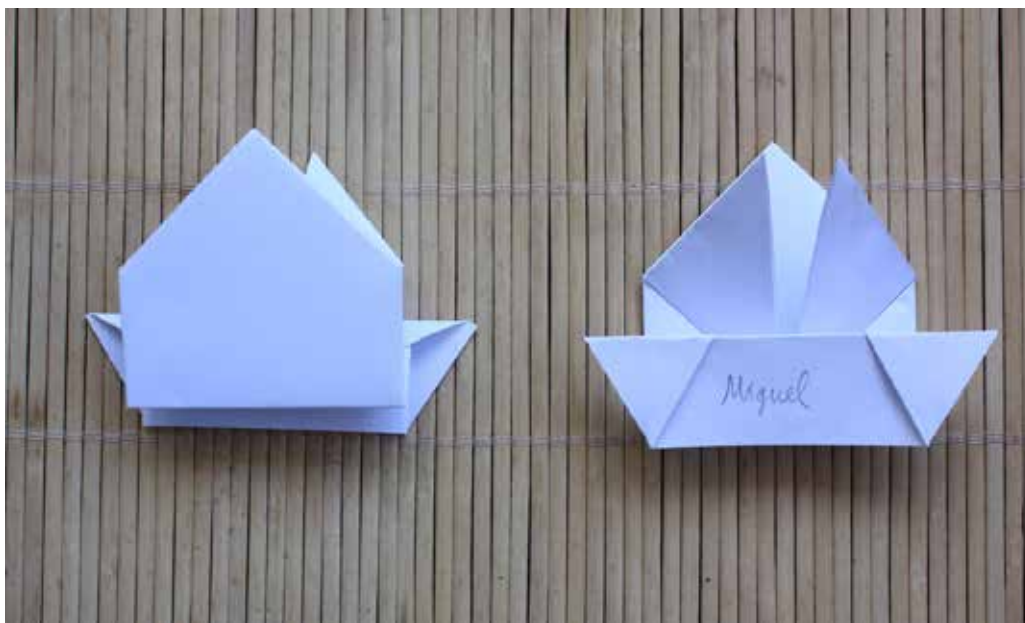
Definir inicialmente algumas rotinas e criar momentos que ajudem a estruturar os passeios (por exemplo, definir um momento de reunião e idas à casa de banho, escolher o vestuário adequado e a mochila mais leve possível).

O que é a camuflagem

Ao longo da sua evolução, vários animais foram desenvolvendo determinadas características adaptativas de forma a aumentarem as suas probabilidades de sobrevivência. A camuflagem—que é a capacidade de um animal para alterar a sua aparência à semelhança do meio, de modo a esconder-se de predadores ou a atacar de surpresa a sua presa—é um resultado dessas adaptações. Além dos animais que comumente associamos à camuflagem, como o camaleão ou o bicho-pau, existem muitos outros animais com esta característica, e alguns deles podem ser encontrados com frequência nos jardins e parques das cidades, como é o caso das rãs. Esta proposta é um pouco diferente das restantes e é composta por várias etapas que estimulam diferentes aptidões da criança, da criatividade plástica à atividade física.

Etapa 1: Construir rãs de papel

A primeira etapa consiste na construção de pequenas rãs em papel dobrado, usando a técnica japonesa do origâmi—esta atividade exige concentração, memorização e estimula a motricidade fina. As rãs serão depois pintadas com cores semelhantes às do ambiente e utilizadas num jogo coletivo.





Material necessário para construirmos uma rã de papel:

- Folha de papel branco A5
- Lápis de cera ou canetas de feltro

Como construir

Cada criança deverá ter à sua frente o material necessário. Para criar a rã, o professor poderá utilizar o esquema de dobragem disponível na última página deste recurso e projetá-lo para o grupo, ou então imprimir alguns exemplares e distribuí-los pelas crianças. Depois de terminar a dobragem da sua rã, cada criança poderá pintá-la a seu gosto, tendo em conta o princípio da camuflagem. No final, cada criança deverá escrever o seu nome na barriga da rã.

Etapa 2: O jogo da camuflagem

Os jogos são ótimos pontos de partida para atividades que exijam mais concentração e atenção. Este jogo deverá ser realizado ao ar livre, num parque ou jardim escolhido pelo professor, preferencialmente num local perto de um charco. O professor deve explicar logo à chegada as regras do jogo ao grupo.

Como jogar

Após um sinal sonoro do professor, as crianças terão de correr para esconder a sua rã no local que considerarem mais adequado (o objetivo é que fique bem camuflada), voltando imediatamente aos seus lugares. Isto tem de ser realizado num tempo muito diminuto, exigindo simultaneamente cuidado na escolha e rapidez na execução.

NOTA: As rãs devem ser postas sobre o solo. Enterrá-las ou escondê-las não é válido.



Em seguida, o professor deverá dividir o grupo em pares e explicar que o objetivo é apanhar uma rã por cada «corrida», sugerindo às crianças que assumam, por exemplo, o papel de cegonhas esfomeadas à procura de uma rã para comer. O tempo deverá ser curto, e o professor deve anunciá-lo por intermédio de sinais sonoros para a partida e para o regresso. Cada criança só poderá apanhar uma rã por cada corrida, e deve ser a primeira rã que vir (porque está perto, ou porque é mais vistosa do que as outras). O processo repete-se e as crianças vão entregando as rãs que apanharam ao professor, que poderá anunciar em voz alta o nome que está escrito no verso da rã: «O Afonso foi comido», «A Ana foi comida»... E assim sucessivamente, até terminarem as rãs disponíveis no solo. A última rã a ser apanhada será a grande vencedora, porque terá sido a mais bem camuflada!

Etapa 3: Observação de rãs

O final deste jogo é uma excelente oportunidade para mostrar às crianças um lago ou um pequeno charco onde habitem rãs. É fundamental fazer entender às crianças que devem manter o silêncio e observar atentamente o local. As rãs são realmente difíceis de distinguir, mesmo estando em cima de pedras, folhas ou ramos flutuantes. É preciso estar muito atento para as conseguir avistar! Para tornar a atividade mais dinâmica, e até competitiva, pode ser interessante pedir às crianças que contem as rãs que encontrarem. O professor pode ainda chamar à atenção para as restantes espécies e mesmo para o ecossistema como um todo.

No regresso à sala de aula vamos partilhar o que descobrimos... e construir um minicharco

Para os mais entusiastas, propomos a criação de um pequeno charco onde este ecossistema possa ser observado ao longo do ano, de modo a registar os animais que são atraídos para o local—aves, libélulas e libelinhas, abelhas, borboletas e outros insetos—e a acompanhar a fascinante metamorfose que as rãs atravessam ao longo do seu ciclo de vida. Algumas espécies de insetos (libélulas, alfaiates e besouros aquáticos), e até rãs e salamandras, conseguem habitar e reproduzir-se nestes espaços pequenos, que servem igualmente de bebedouro para aves.

Etapa 4: Construção de um minicharco

Na seleção de um local, o professor deve ter em conta a proximidade da escola, de modo a permitir visitas regulares ao longo do ano. Este local deverá ter sol e alguma sombra ao fim do dia e situar-se numa zona por cima da qual não existam árvores, para que as folhas não cubram a água.

Material necessário para a construção do minicharco

- Alguidar, panela ou outro recipiente côncavo (pode ser de madeira, metal ou mesmo plástico rígido)
- Pequenas pedras
- Areia ou terra
- Peça de tronco, madeira ou tijolo
- Pequenas plantas aquáticas

Para construir o minicharco é necessário escavar um pouco o solo, de maneira que o recipiente fique enterrado e as bordas fiquem ao nível da terra.





A porção de areia ou terra deverá preencher o fundo do recipiente, juntamente com algumas pedras, de forma a criar diferentes níveis de profundidade. Usando o pedaço de madeira ou tijolo, constrói-se uma rampa de acesso ao charco, que servirá para ajudar os animais a entrar e a sair. Em torno do charco, pode-se construir um percurso de pedras, que servirá de esconderijo para algumas espécies.



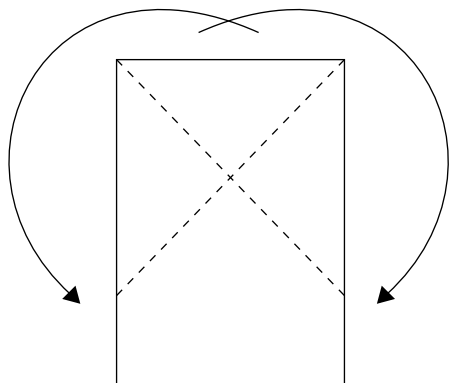
O ideal é encher o minicharco com água da chuva. A água deverá repousar no charco durante aproximadamente uma semana; só depois se introduzem as plantas. À volta do charco, podem dispor-se plantas como juncos e narcisos, e, dentro da água, nenúfares e ranúnculos-aquáticos (num vaso ou diretamente no charco, caso haja terra no fundo). Aos poucos, começarão a chegar alguns pequenos visitantes. Nas visitas para observação é importante ter em conta o nível da água (no tempo quente, pode ser preciso enchê-lo com água da chuva previamente armazenada) e limpar o minicharco de vez em quando.



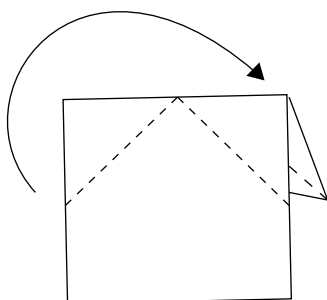
Ver os restantes recursos

GULBENKIAN.PT

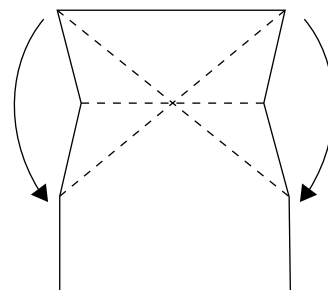
Esquema de dobragem de rã



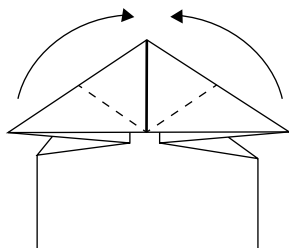
1. Utilizar uma folha A5 na vertical. Dobrar e desdobrar na diagonal, como mostra a figura.



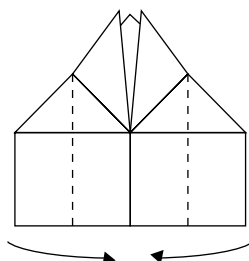
2. Dobrar para trás no ponto onde se cruzam as diagonais e desdobrar.



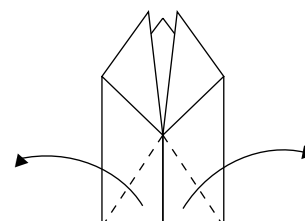
3. Puxar os vértices superiores para baixo, empurrando os pontos medianos para dentro.



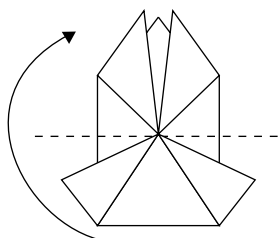
4. Dobrar para cima os dois vértices do triângulo, de forma que as pontas quase se toquem.



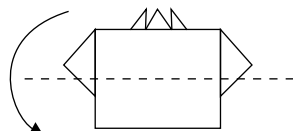
5. Dobrar os lados para o centro.



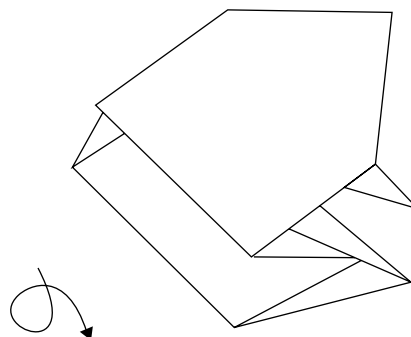
6. Dobrar para fora as patas traseiras.



7. Dobrar para cima no ponto onde se cruzam as diagonais.



8. Dobrar para baixo pela mediana e virar o modelo ao contrário.



9. A rã está pronta! Para a fazer saltar, basta pressionar o fundo das costas.